

MÉDICO-VETERINÁRIO: UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

Desenvolver a saúde ou o mercado?

EVANILTO PERINI

Especialização em Gestão Estratégica de Recursos Humanos
Universidade Gama Filho – parceria com ICPG/SENAC

Orientador: Ms. Paulo Ramos¹

Professor de Metodologia da pesquisa e técnica científica
Instituto Catarinense de Pós-graduação

Resumo

A medicina veterinária não pode ser considerada como a medicina dos bichos. Esse conceito deve ser suplantado por uma dimensão epistemológica superior. Uma ciência embasada em conhecimentos científicos, mas com objetivos amplamente sociais. A ciência que busca na saúde animal a garantia da saúde humana e ambiental. A intrínseca relação com toda a evolução ética política cultural, e social da humanidade visando o equilíbrio com o ecossistema. Somente pela educação voltada para o desenvolvimento ecologicamente sustentado respeitando toda a biodiversidade nele contida, nos levará a tão propalada justiça e bem-estar sociais a todos que dele querem participar. Quando e como conseguiremos o comprometimento de todos os segmentos sociais para que isto definitivamente se efetive? O ativismo inconseqüente certamente será infrutífero. Criar-se novos currículos que contemplem esses conceitos certamente será primordial para darmos um grande passo.

Palavras-chave: Educação, Saúde, Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Conscientizar a sociedade da importância e valorização do profissional médico veterinário na preservação da saúde pública é responsabilidade de todos os segmentos de vanguarda desenvolvimentista.

A busca da otimização da produção, promovendo a saúde animal, humana e ambiental a partir de um desenvolvimento ecologicamente sustentável e socialmente solidário e ético é de sua formação.

Ressaltamos que este milênio está necessitando e exigindo de todos cidadãos e, principalmente, dos profissionais das ciências agrárias e sociais e outros segmentos profissionais, uma parceria de ação integrada, baseada nos diagnósticos para solução de problemas relativos a biosegurança da saúde de todas as espécies inseridas no ecossistema da biodiversidade.

O primeiro passo, necessariamente, passará pela educação. Uma educação voltada a decifrar a íntima interdependência humana e sua inter-relação com o mundo natural e os processos ecológicos vitais, respeitando profundamente essa ética de integração.

A partir do reconhecimento da importância na formação, elaboração de novos currículos e ações educativas voltadas ao desafio da preservação ambiental é que garantiremos a preservação da saúde, de todas as espécies.

Reconhecendo mediante a natureza multifacetada dos desafios ambientais poderemos explorar dimensões ecológicas, econômicas, culturais, avaliando com mais convicção as repercussões globais e locais da drástica mudança da degradação ambiental, assim como poderemos construir conexões com outras questões sociais incluindo o desafio da paz, justiça social, direitos humanos, desenvolvimento, pobreza e violência.

É tarefa de todos focar numa contínua articulação a busca de uma visão para construção de paradigmas curriculares para as escolas e que seus resultados sejam estendidos aos mais diversos segmentos sociais.

Oportunizar todos os profissionais, a fim de que elejam a melhor forma possível de recuperar um mundo, degradado e doente é mister de todos.

A necessidade de ações interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares que garantam esse modelo de desenvolvimento. Essa estratégia de modernização implica num enorme potencial de inovação para economia, meio ambiente e principalmente a sociedade globalizada.

A observação da importância do agente e consultor Médico-veterinário e sua ampla atuação nas mais variadas estruturas sociais e suas inter-relações, bem como na determinação dos tipos de interações agente-hospedeiro em populações diversas e o conseqüente quadro de enfermidades, é fundamental.

Situar o médico-veterinário como um profissional de atuação imprescindível neste contexto é mister de todos. Implementar e concretizar esses preceitos com a maior brevidade, em um futuro imediato, de tantas incertezas, será uma questão de sobrevivência.

EDUCAÇÃO

Segundo Mariotti, (1999, p. 24), “o termo deriva do latim Ex + ducere que significa, esternar os valores, talentos que já existem nas pessoas em forma de potencial”.

Educação é um processo de mobilização de talentos e de potenciais humanos, realizados não pela imposição externa, mas pelo convite, da empatia de almas humanas sob a forma descompromissada de parceria, mas comprometida em prol de uma causa que beneficie a coletividade.

Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo Freire, (1979, p. 75): “Diante deste processo a conscientização é fundamental para que se busquem soluções para problemas comuns, através de uma aprendizagem crítica significativa”.

Esta necessidade tenderá a provocar na escola uma reformulação estrutural de currículos, e de práticas pedagógicas para que se viabilizem processos interdisciplinares, multidisciplinares, transdisciplinares, fundamentais para intervir-se num contexto contemporâneo.

Como se pode deprender destas e outras questões, não se trata de uma luta segmentada, a ser efetuada apenas por educadores e estudantes nas escolas, mas sim levada adiante, coletivamente, pelos diferentes grupos sociais, principalmente das classes subalternas. A ação educativa, acima de tudo, deve ser entendida como postura e vocação profissional de todos os segmentos da sociedade.

Há necessidade de viabilizá-las pelas diretrizes de transformar estas condições no plano econômico-político e social.

Nesse contexto, os objetivos básicos dos processos educativos devem ser, coerentemente o de fomentar a compreensão crítica da realidade e ação participativa para transformá-la em função da necessidade de todos.

Os reclamos da população rural e periferia urbana é que os conteúdos curriculares nas escolas estão voltados aos conteúdos pedagógicos, insuficientes, e fora da realidade não preparam seus filhos para os problemas práticos da vida cotidiana (pg. 80,81) [...] pg160 é fato que a escolaridade, e o nível de alfabetismo que a população rural revela, afeta suas aspirações e intervêm na vida cotidiana no sentido de influir para que os mesmos situem-se criticamente dentro da sociedade que vive (BARRUFI CIMADON, 1989, p. 80-81-160).

Precisamos conscientizar os órgãos de decisão, especialmente as comunidades para um planejamento mais organizado e consistente de investimentos para a educação, assim virão o desenvolvimento econômico-social.

Rutherford, (1930) um dos pais da química “Os povos sem ciência não passam de meros cortadores de lenha e carregadores de água para os povos mais esclarecidos”.

EDUCAÇÃO ECOLÓGICA SUSTENTÁVEL – ECO PEDAGOGICA

Shepard e Hutchison, (2000, p. 111). A especial importância para a criança da primeira e segunda infância é a postulação das necessidades ecológicas estão intrinsecamente relacionadas com a qualidade de suas interações com o mundo natural; espaços lúdicos, experiências cumulativas, excursões ocasionais.

Shepard, (1982, p. 7), considerava de especial importância a fascinação das crianças com animais refletidas tanto pelos padrões imitativos de suas brincadeiras, como pelo carácter antropomórfico de seus sonhos.

David Hutchison, (2000, p. 157) “Há noções básicas relacionadas á interdependência humana com o mundo natural e os processos ecológicos vitais e um respeito profundo pela integração da comunidade como um todo”.

Podemos ajudar os jovens a aplicar esses entendimentos e esses valores aos problemas ecológicos e sociais contemporâneos enfrentados pelas comunidades do mundo inteiro.

Ao reconhecer a natureza multifacetada do desafio ambiental, podemos explorar com os estudantes as dimensões ecológicas, econômicas, culturais e avaliar as repercussões globais e locais da drástica mudança ambiental e construir conexões com as outras questões sociais, incluindo o desafio da paz e justiça social, direitos humanos desenvolvimento, pobreza e violência. (HUTCHISON, 2000, p. 157).

Ao forjarmos um papel ecologicamente significativo para as crianças, damos a oportunidade de serem vistas como um dos indicadores culturais, mais importantes que temos atualmente, para avaliar a viabilidade futura de nossa população, e de nossa espécie terrestre.

(HUTCHISON, 2000, p. 161).

Nossa tarefa deve ser a de continuar articulando essa visão e de construir um paradigma curricular para as escolas que nos possa passar a melhor forma possível de recuperar um mundo humano autêntico de relação com o mundo natural e a enfrentar de modo direto os desafios ecológicos com os quais nos deparamos atualmente.

Como se pode depreender destas e outras questões, não se trata de uma luta segmentada a ser efetuada apenas por educadores e estudantes nas escolas, mas sim conduzida, coletivamente, pelos diferentes grupos sociais, principalmente, pelas classes subalternas.

(KAWAMURA, 1990, p. 72): “Profissionais de nível superior têm se articulado em associações civis, para reivindicar a busca de qualidade na suas formações, e a redefinição dos papéis das profissões”.

A afinidade infantil pelo mundo é caracterizada como espécie de “troca” rítmica com o mundo, uma espécie de engajamento mútuo ou interação entre o próprio indivíduo, a natureza e o mundo físico-cultural que os envolvem.

Os animais têm uma afinidade magnética pela criança observou SHEPARD, (1982, p. 7): “Já que cada um parece incorporar algum impulso, reação ou movimento que lhe é peculiar. [...], é o período favorável para aquisição de uma cosmologia ecologicamente sensível do mundo”.

Existe um esforço explícito, por parte da criança, de executar novos modos de pensar, de buscar as causas das coisas e estabelecer uma história pessoal para si mesma.

Para Moacir Gadotti, (2000, p. 177-178-183), Não se pode dizer, que a ecopedagogia representa uma tendência concreta testada na prática da educação brasileira. [...], ao contrário, o discurso pedagógico elaborado é o que nasce de uma prática concreta testada e comprovada.[...], a criança traz em si o forte vínculo com a natureza e está espontaneamente aberta para se tornar aprendiz de seus ensinamentos basta que seja orientada para isso. [...], não há prática sem reflexão sobre a prática, e não há teoria educacional válida sem referência a uma prática.

A pedagogia da terra só se consolidará pela reflexão sobre essas práticas, um movimento histórico-social, associado a uma nova corrente de pensamento, fundado na ética, numa política do humano, numa visão sustentável da educação e da sociedade.

ANIMAIS E SEUS BENEFICIOS NO DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS – TERAPIA FACILITADA

A idéia central é a utilização de animais, como catalisadores sociais e terapêuticos no desenvolvimento infantil e da pré-adolescência.

A partir do contato e da interação com um animal diferente, ou do cotidiano da criança, investigou-se a curiosidade e a capacidade de observação, obtendo-se assim uma aprendizagem lúdica, ética e sem preconceitos.

As diferentes integrações entre docentes do Ensino Fundamental, Universitário, e outros agentes, acarreta mudanças positivas sobre a formação do nosso futuro cidadão, pois cada um tem experiências educativas introjetadas no seu cotidiano que podem ser estendidas de maneira interdisciplinar a todos.

O contato da criança com o animal têm gerado sentimentos de amor, solidariedade e compaixão; enfim em melhor qualidade de vida, pela conscientização da preservação do meio no qual vivemos.

Segundo Gabriela Navarra, (2002). Os bichos têm efeitos particularmente benéficos e terapêuticos para as crianças podendo diminuir estados de ansiedade e tédio: melhora a organização do tempo livre; cria novos passatempos e jogos, aumenta o consumo de energia física; diminuem o medo, gera responsabilidades, desejos de atenção e cuidados; desperta sentimento incondicional de afeto, perdão e amor, aumenta habilidades pessoais e alto estima; promovem maior integração e socialização com os colegas; incentiva melhores desempenhos nos deveres escolares, e diminui a timidez e o temor de ser julgado. Tudo isso demonstra que respeitando outro ser vivo a criança tende a se transformar em adulto melhor. Para tanto, o processo educacional precisa estar aberto a novas idéias.

EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

É parte do processo mais amplo de educação. Deve ser o objetivo principal de um processo educativo, visando a melhoria da qualidade de vida de toda uma população. Joaquim Alberto Mello, (1975, p. 36-37-38): “A saúde é uma prática social atravessada pela educação onde os indivíduos preparam-se para tratar males”.

A educação é difusa nas práticas sociais. Neste conceito é preciso vencer as barreiras que os indivíduos oferecem. “Barreiras” culturais econômicas e sociais, que devem ser diagnosticadas, no sentido de rompê-las.

O binômio saúde/doença deve ser compreendido na sua multiusualidade, mas a solução ainda é dada em saúde pública.

No nosso entender é necessário repensar a educação e a saúde não mais como educação sanitizada ou educação para a saúde, como se a saúde fosse em estado que se regisse pelo educado.

É preciso recuperar a dimensão da educação e da saúde. E estabelecer as articulações entre esses dois campos e os movimentos sociais organizados. Nas críticas sociais devem ser articuladas as necessidades e as formas de organizações sociais que lhes interessem. É um processo dinâmico constante, nas práticas e ações de saúde fundamentada na vivência sócio-cultural e na socialização da busca do saber.

A comunidade contando não só com a informação, mas o conhecimento, a compreensão, conscientização, motivação necessária para adotar práticas e propor soluções, mas também para promover pressões fazendo com que estas se revertam em melhorias dos seus padrões de vida.

A ação educativa, acima de tudo, deve ser entendida como postura e vocação multiprofissional, (PINOTTI, 1986, p. 97): “Melhorando as condições de educação e saúde e bem-estar social do povo, damos a ele maior poder reivindicatório, ângulo de visão para o uso no seu cotidiano”. Dessa forma evita-se que seja vítima de repressões injustas ou de aliciamentos mal intencionados e oportunistas.

Pinotti, (1986, p. 181): “Os mesmos princípios valem para os profissionais de saúde divorciados da realidade, apoucados e deficientes na aprendizagem”.

Pinotti, (1986, p. 219): “Cabe um pouco a cada um de nós o ato corajoso de iniciar a revolução não para a conquista de oprimir, mas salvar a humanidade do flagelo da fome, miséria, e a eminência do holocausto”.

Pinotti, (1986, p. 195): “Esperamos que o saneamento das questões sociais, de educação, saúde, alimentação sofram um redimensionamento, sobrepondo-se finalmente as velhas prioridades do saneamento econômico e do jogo político”.

Neste contexto a doença não pode ser separada do ecossistema na tríade ecológica de Leavel & Clark (1976). [...] Na década de 1960–1970 a medicina como um todo sua tecnologia reconhece que não conseguiu resolver os problemas de saúde das populações.

Tem início a integração das análises do processo saúde doença, como a sociologia, a história, a economia e psicologia surgindo assim a “teoria social”. Esta teoria considera os aspectos microbiológicos, ecológicos e a tríade agente hospedeiro meio-ambiente e um terceiro nível o aspecto social coletivo.

A necessidade de investigar aspectos sociais da casualidade da doença. O que ira determinar o processo de saúde doença e o modo como o homem se apropria da natureza num determinado momento, ou seja, como citou Laurrell, (1982), temos por um lado o processo social por outro o processo biológico sem que seja imediatamente visível como um se transforma no outro. Educação popular educação da família.

Vasconcelos, (2001, p. 273). [...] O investimento em dimensões culturais e subjetivas é o elemento central na luta pela saúde. [...], é necessário uma abordagem globalizante para se conseguir detectar suas explicações mais profundas e encontrar novas estratégias de intervenção nesse processo de adoecimento, e de cura no qual múltiplos elementos estão envolvidos.

É no diálogo intercultural que se expressa a percepção de que só compreendemos melhor a própria visão do mundo, e aos próprios valores quando os comparamos com as ações e idéias de um outro povo. (DEUTSCHLAND REVISTA, 2002, p. 25); Goethe, (2002, p. 5). “Compara-te! E reconhece o que és”.

“[...] Para isso é preciso linguagem diferente que utiliza, símbolos nascidos em outra margem, que não o da razão e que foram introjetados profundamente na subjetividade humana ao longo da história” (VASCONCELOS, 2001, p. 281).

Por todos os lados nasce a necessidade de uma ciência com consciência É tempo de tomar consciência de que uma ciência privada de reflexão e uma filosofia puramente especulativa são insuficientes. Morin, (2001). “*Consciência sem ciência e ciência sem consciência são mutilados e mutilantes*”.

MÉDICO VETERINÁRIO EM NOVO CONTEXTO DE SAÚDE

(REVISTA CFMV, 2002, p. 11-12). Samuel Pessoa já alertava desde a década de 50 para a importância das estruturas sociais na determinação dos tipos de interações agente hospedeiro em populações humanas e o conseqüente quadro de doenças. [...] Os diferentes padrões dos sistemas de produção animal determinaram o carácter diferenciado da ocorrência de doenças nos rebanhos entre países e dentro de um país onde existem desigualdades sociais relevantes.

“As diferenças sociais e econômicas e culturais presentes no processo de globalização se refletem na ocorrência desigual de doenças entre países de situações econômicas diferentes e no risco de sua difusão entre países”. (LYRA, 2001, p. 118.).

(REVISTA DO CFMV, 2002, p. 15) Os cursos de medicina-veterinária deram ênfase excessiva ao ensino da clínica terapêutica. [...] A epidemiologia nem sequer fazia parte do currículo mínimo como a sociologia e ecologia. A formação humanista filosófica foi ocupada pelo direcionamento de formar profissionais para exercerem tarefas num mercado.

A partir dos anos 80 iniciam-se as observações sobre epidemiologia e a estrutura social. Rosemberg, (1986), relatou que, o objetivo da epidemiologia veterinária é definir, conhecer e resolver perfis específicos de saúde animal, que por sua vez são estendidos como a síntese num espaço e tempo concretos entre os problemas produtivos sanitários e as ações organizadas pela sociedade para resolvê-los.

CFMV, (2002), Rosemberg e Olascoaga, (1991), relataram que o conceito saúde doença na veterinária tem sido determinado pelo paradigma da medicina humana.

Assim, após a revolução industrial a medicina veterinária aplicava aos indivíduos animais “doentes” a mesma metodologia e instrumentos aplicados as pessoas doentes. Os veterinários ofertavam importante colaboração ao positivismo biológico no campo da pesquisas médicas, sendo inclusive descobridores de agentes microbianos como causadores de doenças humanas e animais.

Estas ações á semelhança com ocorrido na medicina humana contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento da pecuária, porém mascararam as concepções estruturais da determinação da saúde nas populações.

Após os anos 80 a tríade ecológica teve dificuldades na sua aplicação no campo de animais de interesse econômicos devido a uma aparente dificuldade dos profissionais em entender e interpretar o sistema produtivo e seus diferentes componentes como a nutrição, genética, desempenho produtivo e rentabilidade. A busca da forma rápida a eficiência da conversão alimentar não é mantido o equilíbrio de bem-estar do animal e seu desenvolvimento.

A seleção genética considerando aspectos de elevada capacidade produtiva tem determinado formação de população genética e fisiologicamente mais suscetíveis a agentes infecciosos menos resistentes a problemas climáticos.

Porém, se o econômico predomina sobre as questões éticas, de respeito às condições de bem-estar animal e agroecológicos os problemas ocorrem como aconteceu recentemente com o episódio da encefalopatia espongiforme bovina (BSE), na Inglaterra quando desrespeitando a ética, devido a questões econômicas, os ruminantes foram alimentados com proteína de outros ruminantes determinando o surgimento de uma nova doença, “Vaca Louca”. Consideramos que a saúde animal é a otimização da produção com desenvolvimento sustentável e socialmente ético.

(CFMV, 2000, Ano 6, N°20, p. 59): “A medicina veterinária necessita de profissionais que atuem nos preceitos da ética do respeito e responsabilidade com os animais e suas obrigações como cidadão”.

(CFMV, 2001, Ano 7, N°22, p. 11-12) “O objetivo principal da medicina é a conservação por isso denominamos “medicina da conservação” da biodiversidade, e manutenção da saúde das espécies, estudando suas implicações das mudanças ambientais, na saúde humana e animal”. A perda global da biodiversidade afeta o bem-estar de animais e pessoas, pela fragmentação e destruição de seus habitats.

Há necessidade da ação multidisciplinar dos vários segmentos profissionais mediante o conhecimento e habilidade de todos, e a integração de diagnósticos; buscar a solução de problemas para levar a biosegurança na manutenção da saúde das espécies como um todo.

(CFMV, 2001, p. 12) [...] Médico-veterinários na prática convencional devem ser encorajados a discutir e orientar seus clientes sobre possíveis prejuízos a saúde humana e ou animal se não tomarem precauções com a higiene própria e do ambiente para o controle de parasitas e outros agentes de enfermidades, como zoonoses cisticercose e tuberculose.

(CFMV, 1995/96, p. 11): “É Mister que o médico-veterinário se engaje com o mesmo vigor técnico-científico e espírito de renúncia a que está vinculada a produção de proteína animal nos problemas de saúde pública”.

Estas áreas são inerentes a medicina-veterinária, contudo ela está tão estreitamente ligada a outras profissões relacionadas ou não a saúde, que se não atentarmos para o problema e principalmente não nos vincularmos a ele com entusiasmo e até abnegação ficaremos, secundarizados dentro do que é nosso.

Miranda, (2002): Os diferentes padrões dos sistemas de produção animal determinam o caráter diferenciado da ocorrência de doenças nos rebanhos entre países e dentro de um mesmo país onde as desigualdades sociais são relevantes.

As diferenças sociais e econômicas e culturais presentes no processo de globalização se refletem na ocorrência desigual de doenças entre países de situações econômicas diferentes e no risco de sua difusão entre países (LYRA, 2001).

(REVISTA DO CFMV, 2002, p. 11): “Para o incremento da produção e sua ampliação há necessidade de novos mercados. Mercados cada vez mais extensos para os seus produtos impele a burguesia para todo o globo terrestre”. Em lugar de velhas necessidades satisfeitas pela produção nacional, surgem a necessidades novas que para serem satisfeitas exigem produtos de terras e climas distantes.

Estes aspectos tornam imprescindível a prioridade absoluta na observação das formas de produção e do componente social, como determinante epidemiológico de doenças, e na necessidade dos veterinários implantarem no sistema de produção animal a orientação para o desenvolvimento sustentável e socialmente ético.

Para abrir-se novos mercados há necessidade de demonstrarmos controle de todo nosso processo produtivo, a fim de criarmos a tão propalada confiabilidade e qualidade. Para isso é necessário que as propriedades se enquadrem nas normas de exigências sanitárias internacionais.

A implantação dos sistemas de georeferenciamento via satélite, na identificação de propriedades bem como o sistema de identificação de origem bovina SISBOV sem dúvida alguma facilitará esse processo. Este sistema consiste na identificação individual dos animais, criando a possibilidade de acompanhamento de toda sua trajetória até o processamento final para o mercado consumidor. Todo o histórico do animal desde o manejo, controle sanitário, e movimentações serão computadas.

A partir desses registros pode-se avaliar todas as etapas, analisar o presente e prever o futuro. Esses dados favorecem a tomada de decisões, pois possibilita a avaliação do desempenho produtivo e reprodutivo e sanitário individualmente. Com base nestas

informações é possível estabelecer metas prioritárias para o controle e prevenção de enfermidades emergentes e reemergentes.

As informações obtidas a partir desses registros, e da inspeção sanitária constituem dados de grande valia na apreciação do nível de saúde animal de cada região e implicitamente no âmbito da saúde pública. Tudo isso exige que sejam adotadas nas fazendas medidas que resguardem o meio ambiente, e garantam a saúde animal e humana e, acima de tudo, que os alimentos produzidos sejam seguros para a saúde do consumidor. Anais do II Focorum Lages 19 de abril, 2001, p. 4. Dr. André Thaler Neto, coordenador. Correio Eletrônico: thaler@cav.udesc.br

Buarque, (2001), sugere um conceito alternativo de “desenvolvimento solitável” que implica na adoção de uma atitude socialmente solidária e ecologicamente sustentável. Estes conceitos devem ser incorporados no delineamento diferenciado das estratégias de planificação em saúde animal para os diferentes estratos sociais.

Haddad, (1999), relata que o processo de crescimento de uma região pressupõe seu crescimento econômico e dependerá de sua capacidade de organização que se associa:

- a) Aumento da autonomia regional para tomada de decisões.
- b) Aumento da capacidade para reter e reverter o excedente gerado pelo processo de crescimento local.
- c) A um crescente processo de inclusão social.
- d) Um processo permanente de conservação e preservação do ecossistema.

Um dos fatores fundamentais para obtenção de crescimento regional é a criação de agroindústrias, que no seu conjunto configura o segmento de agronegócios. A importância do setor como gerador de emprego e renda amplia-se tais como a cadeia das carnes. Constituem em “*cluster*” polo de indústrias e instituições com ligações, particularmente forte entre si, tanto horizontal, quanto verticalmente e usualmente incluem empresas de produções especializadas; empresas fornecedoras; empresas prestadoras de serviços; instituições de pesquisa e instituições públicas e privadas de suporte. Um setor dinamiza o outro.

Estes aspectos tornam necessária a concepção clara da importância das agroindústrias para a região e da sua participação como agente de mudanças sociais. As estratégias de controle de doenças assim como todos os pequenos produtores devem ser inseridos dentro deste processo sócio-econômico.

(REVISTA CFMV, 2000, Ano 6, p. 24): [...] A cultura corporativista e tecnocrata de isolamento e competição reinantes e diferentes linguagens institucionais que norteiam os setores envolvidos, nos últimos anos tem inviabilizado a formulação e implementação de propostas integradas em nosso país que envolva a sociedade na busca de alternativas de desenvolvimento, que levem em consideração as especificidades regionais para o desenvolvimento e promoção da saúde.

(REVISTA DO CFMV, ano 1995/96): Cria-se um estado de desafio ao médico-veterinários nacionais no sentido de pugnar pela modificação do quadro calamitoso existente no país, principalmente em municípios e cidades interioranas representado pelas insalubres condições de abate e industrialização de produtos de origem animal, e as promíscuas formas de produção e comercialização de carne, leite, pescado e outros produtos, pela falta de competente e criterioso exame sanitário. Tudo isto traz repercussões danosas á saúde pública acrescido de exorbitante desperdício de produtos valiosos que contribuem intensamente para a degradação e poluição ambiental.

Estes critérios são garantidos pelo serviço de fiscalização oficial, mediante legislações pertinentes que, diga-se de passagem, submetidas a órgãos internacionais de saúde.

O parque industrial dos produtos de origem animais no Brasil acompanha pari e passu os avanços mundiais no campo da produção de alimentos, ocupando um lugar de merecido destaque no comércio internacional. Esta evolução deverá ser creditada a medicina veterinária brasileira, que conferiu base científica aos avanços tecnológicos do setor contemplando o conhecimento.

A comunidade depende de órgãos oficiais de vigilância sanitária e de saúde pública para proteger-se de doenças veiculadas por alimentos. Tal proteção depende da detecção dos surtos e do completo conhecimento dos agentes e dos fatores responsáveis pela transmissão.

Tem-se ainda a perda econômica pela deterioração microbiana decorrida desde o abate até o consumo. Este custo real raramente é quantificado, mas causa um impacto econômico considerável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível que os profissionais da medicina veterinária busquem exercer a atividade com o nível de proficiência que lhes permita exercer a liderança no setor para o qual se qualificou, procurando desenvolver não só habilidades técnica-profissionais na área da saúde, mas ter sempre o objetivo precípua de evolução política cultural e social, e da própria sociedade em que atua.

Há necessidade de readaptação constante nesse meio e ao ecossistema como um todo juntamente com o compromisso da evolução técnico científico. Temos que buscar o crescimento da saúde e bem-estar do ser humano respeitando e preservando todo o nosso sagrado habitat. O compromisso terá que ser necessariamente com a educação e ações metodológicas permeadas pela interdisciplinaridade de todos os profissionais dos mais distintos segmentos sociais.

Interação dos jovens e crianças com currículos escolares compatíveis com esta nova perspectiva voltadas a educação sanitária animal, humana e ambiental. É de fundamental importância para o sucesso e promoção de um desenvolvimento total embasado em sólidos objetivos sociais global pleno.

Suscitar a ética não somente nos setores pertinentes a nossa formação profissional, mas acima de tudo, nossa participação como cidadãos voltados à abnegação de uma meta que vise a evolução e o desenvolvimento socialmente ético e ecologicamente sustentável. A sustentabilidade como estratégia de modernização e as reais necessidades sociais implica num enorme potencial de inovação para a economia, meio ambiente e saúde a toda a sociedade.

Estruturas de defesa sanitária, pesquisa e extensão trabalham isoladamente com prioridades diferenciadas faltando elo entre suas ações e prioridades de atuação.

As ações deverão integrar-se entre as áreas de vigilância epidemiológica, sanitária, educação em saúde, assistência e laboratórios de saúde pública e população. Todo o trabalho é conjunto, mas para que se alcance a resposta desejada é preciso haver união das profissões cada uma contribuindo com sua parcela. (CFMV, ano 2000, p. 18).

REFERÊNCIAS

- BARUFFI, Helder; CIMADON, Aristides. **Educação Rural**. Porto Alegre: Exangraf, 1989.
- BUARQUE, C. **Admirável Mundo Atual. Dicionário pessoal de horrores e esperanças do mundo globalizado**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- FARIA, A. B.¹; FRANCIS, P. S.² **A terapia facilitada por animais e seus benefícios no desenvolvimento educacional de crianças**. 1 – Universidade Federal de Uberlândia, Av. Ceará, s/n, Bairro Umuarama. CEP 38400-902 – Uberlândia – MG. E-Mail: vetbr@yahoo.com.br. 2 – Professor Titular da FAMEV – da Universidade Federal de Uberlândia.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido: Paz e Terra**. 6. ed. Rio de Janeiro, 1979.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Fundação Peirópolis Ltda, 2000.
- HADDAD, P. **Organizada. Competitividade de Agronegócio e o desenvolvimento regional no Brasil. Estudo dos Clusters** – Brasília: CNPQ/Embrapa, 1999.
- HUTCHISON, David. **Educação Ecológica: Idéias sobre Consciência Ambiental**. Tradução: Deise Batista. Supervisão e revisão Técnica: Maria Carmem Silveira Bastos. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- KAWAMURA, Lili. **Novas Tecnologias e Educação**. São Paulo: Ática, 1990.
- LEAVEL, Hr; CLARCK, EG. **Medicina Preventiva**. São Paulo: MacGraw-Hill, Fename, 1976.
- LYRA, Tânia Maria de Paula; SILVA, José Ailton da. O componente social e sua importância na planificação em saúde animal. **Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária - CFMV**. Ano 8 (VIII), Nº 26, 2002. Quadrimestral, maio/jun/julho/agosto.
- LYRA, TMP. **A globalização de Mercado e a disseminação de Doenças: o caso da vaca louca (encefalopatia espongiiforme bovina)**. Monografia Vigilância Sanitária, 118 p. Brasília: Universidade de Brasília – UNB, 2001.
- MARIOTTI, Humberto. **Organizações de Aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MELLO, Joaquim Alberto Cardoso de. **Educação Sanitária: uma visão crítica**. Escola Nacional de Saúde Pública do Rio de Janeiro. “As práticas da Saúde e a Educação”. IN Saúde e Debates – CEBES(I). São Paulo, 1975. p. 36, 37 e 38.
- MIRANDA, Z. B. **Ambiente, Desenvolvimento e Saúde**. REVISTA DO CFMV, Brasília: Ano VI, n. 21, set/out/nov/dez. 2000.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência - Lisboa**. São Paulo: Europa América, 1982.
- PESSOA, S. **Ensaio Médico Sociais**. São Paulo: CEBES – Hucitec, 1978.
- PINOTTI, José Aristodemo. **Ação e Reflexão – Política, Educação e Saúde**. Campinas: Papirus, 1986.
- REVISTA DO CFMV. Ano 1. ed., n. 02, jun/jul/ago., 1995. p. 24.

REVISTA DO CFMV. Ano 1. ed. n. 04, dez/jan/fev/mar., 1995/1996. p. 11.

REVISTA DO CFMV. Ano 6. ed., n. 20, jan/fev/mar/abr., 2000. p. 59.

REVISTA DO CFMV. Ano 7. ed., n. 22, jan/fev/mar/abr. 2001. p. 11-12.

REVISTA: **Alimentação Animal**. São Paulo: Sindirações. Bimestral: ago/set., 2002, p. 25.

REVISTA: **Deutschland: Frankfurt do Meno Frankfurter Societät**. Bimestral, n. 05, 2002. p. 5 e 25.

ROSEMBERG, F. T. **Estrutura Social y Epidemiologia Veterinária em América Latina**. Boletim Centro Panamericano Febre Aftosa, 52: 3-23, 1986.

ROSEMBERG, F. T.; OLASCOAGA, R.C. **Ciência, Veterinários e Sociedad: reflexões sobre el paradigma Profesional Educacion Médica e Salud**. OPS, v. 25, n. 3, p. 333-345, 1991.

VASCONCELOS, Mourão Eymard. **Educação Popular e a Atenção a Saúde da Família**. 2. ed. São Paulo: Edições UVA, 2001.